

Sem dúvida o fato mais marcante acerca do desempenho recente do mercado de trabalho está ligado à questão das taxas de desemprego. De acordo com a Pesquisa Mensal do Emprego (PME), do IBGE, após ter passado por um período de declínio no final de 1996, o desemprego metropolitano voltou a crescer na virada do ano, atingindo 7,26% da População Economicamente Ativa (PEA) no mês de janeiro último. Esta marca histórica suscitou, como não poderia deixar de ser, grande preocupação e mobilização da sociedade, mídia e governo, de tal sorte que hoje a concepção e implementação de políticas capazes de gerar empregos ocupam lugar de destaque na discussão, e mesmo avaliação, da estratégia de governo.

Embora antecipada desde as mudanças de política econômica no final de outubro passado, ditadas pela instabilidade do mercado financeiro internacional, esta abrupta elevação da taxa de desemprego traz em seu bojo alguns aspectos surpreendentes. Em que pese a maioria das análises a respeito tomarem como referencial o impacto negativo daquelas medidas sobre o dinamismo do mercado de trabalho e, por conseguinte, chegarem ao diagnóstico de que este aumento se deveu primordialmente a uma perda de capacidade da economia de gerar empregos, uma inspeção mais detida dos dados da PME de janeiro revela que, na verdade, o desemprego subiu muito mais devido a alterações no lado da oferta de trabalho do que no lado da demanda. Conforme é mostrado em uma seção posterior - Análise do Mercado de Trabalho -, a PEA aumentou em cerca de 300 mil trabalhadores naquele mês (o equivalente a 1,7%), o que não é típico para o início do ano, a julgar pelo comportamento observado no período pós-Real (em janeiro de 1997, a título de ilustração, a PEA diminuiu 0,4%). Além disso, a queda no nível do emprego de fato ocorreu (-0,9%), mas em extensão menor que a verificada para o mesmo mês nos anos anteriores (novamente tomando janeiro passado como exemplo, a contração foi, então, de 1,8%). Assim, ao contrário de anos anteriores, o aumento do desemprego em janeiro, ao invés de ser atenuado pela diminuição da oferta de trabalho, foi na realidade exacerbado, a tal ponto que, grosso modo, pode-se dizer que 2/3 do

diferencial deveram-se ao lado da oferta, e não mais que 1/3 ao lado da demanda.

Outro ponto digno de nota é que a expansão da PEA esteve quase que totalmente concentrada nas regiões de São Paulo e Belo Horizonte, onde, em conjunto, a PEA aumentou em cerca de 290 mil trabalhadores. Além disso, o aumento da oferta de trabalho foi mais acentuado entre as pessoas jovens, membros secundários da família e com nível intermediário de escolaridade. Em todos os casos, estes movimentos vão de encontro ao padrão observado nesta época nos anos imediatamente anteriores.

A indagação natural advinda destas observações é qual teria sido a razão para este súbito "choque" de oferta de trabalho. Parece claro que ele não pode ser atribuído a um aumento da atratividade do mercado, pois as expectativas reinantes a este respeito já de há muito vêm sendo permeadas por algum pessimismo. Uma possível explicação seria um agravamento das restrições orçamentárias das famílias, o que acarretaria um aumento na pressão sobre os membros secundários no sentido de ingressarem na força de trabalho. Em que pese mais palatável que a anterior, esta alternativa também não parece encontrar muito respaldo nas incipientes evidências empíricas disponíveis. Se, por um lado, é verdade que cresceu o desemprego entre os chefes de família, por outro deve-se atentar para o fato de que este foi um dos grupos para o qual ele cresceu menos, aliado ao fato de que houve um aumento generalizado nos rendimentos médios nos últimos meses, inclusive em janeiro último.

Em suma, sem querer minimizar a necessidade de atenção para a questão de geração de empregos, mesmo porque este é um problema estrutural que tende a agravar-se no futuro próximo, é aconselhável analisar com cuidado a componente conjuntural do desemprego que, ao que tudo indica, passa por um melhor entendimento do lado da oferta de mão-de-obra. Neste sentido o seu comportamento nos próximos meses deverá ser monitorado de perto, de modo a que se chegue a um diagnóstico mais preciso e adequado a respeito de quais são os fatores responsáveis, e em que medida, pelo recrudescimento do desemprego.